



João César das Neves

## Opinião: Globalização e Justiça

A situação do mundo é sempre demasiado vasta, complexa e diversificada para suportar as nossas classificações simplistas. Todos nós temos idéias feitas, certezas taxativas, conceitos indiscutíveis sobre a situação mundial. Identificamos bem os bons e os maus. Temos elaborações, explicações, acusações. Mas a História parece divertir-se a destruir os nossos modelos intelectuais. O fim da guerra fria pulverizou muitas certezas e análises. Hoje a expansão da China e da Índia, o terrorismo global, as novas tecnologias subvertem aquelas afirmações seguríssimas que ainda ontem anunciávamos à mesa do café.

### I. Muitas globalizações

Será que existe mesmo uma coisa chamada globalização? De fato o mundo tem passado por vários momentos de globalização, períodos de paz e integração, onde se aumentam os laços. Normalmente, depois vêm problemas de variada natureza e é quebrada a unidade mundial.

Houve antecedentes parciais. O Império Romano foi um período de integração no Ocidente, longo e sólido, mas quebrado pelas invasões bárbaras. O Império Mongol unificou a China e regiões anexas. As Descobertas dos portugueses criaram uma nova linha de aproximação, que abriu portas a uma integração até então nunca vista. A partir de meados do século XVIII, com a “revolução industrial”, começou o processo de desenvolvimento moderno. Esse processo de melhoria tecnológica e produtiva tem-se espalhado pelo mundo. Isso, juntamente com as descobertas, trouxe a oportunidade para uma globalização verdadeiramente global.

Nos finais do século XIX, deu-se a que pode ser chamada de “primeira globalização econômica”. Foi uma verdadeira globalização que uniu todo o planeta. Em vez de internet, tinha-se o telégrafo, em vez de

aviões usavam-se navios a vapor, mas nessa época registrou-se um longo período de crescimento e estabilidade que abraçou quase todo o mundo. O ser humano sentia-se muito satisfeito consigo próprio. Os avanços tecnológicos e o domínio da realidade, da engenharia à economia, da psicologia à política, enchiam de orgulho e de auto-satisfação o homem de oitocentos. Na altura, como hoje, muita gente apontava o dedo aos defeitos dessa globalização e criticava-a. Mas depois lhe sentiu a falta.

A primeira globalização acabou mal. O surto de crescimento econômico dos fins do século XIX resultou numa crise terrível, a “guerra dos 30 anos”, de 1914 a 1945. Essa foi a primeira verdadeira crise global, com horrores impensáveis. A “inflação alemã” e a “grande depressão”, o nazismo e o Holocausto, o comunismo e a “colectivização da agricultura soviética”, Verdun e Hiroxima, são sinais de crise que nenhum século anterior igualou.

Depois da 2ª guerra mundial, surpreendentemente, dos escombros da destruição, nasceu um período ainda mais extraordinário. Vive-se desde então uma nova globalização, que agora está a atingir e a ultrapassar os níveis de abertura da primeira. Os riscos devem ser evidentes para todos.

### 2. Muitas confusões

Globalização é apenas a fase atual do desenvolvimento secular. Infelizmente, muitos erros lhe estão ligados. Será que o mundo está mesmo uma “aldeia global”, como se costuma dizer? De fato, a maioria da população do globo está ainda afastada dos mercados internacionais, do acesso ao crédito e aos meios de comunicação de massas, sem participar na dinâmica socioeconômica moderna. Isto não é a globalização, mas precisamente sinal da falta dela. A globalização é muito pouco global. Verifica-se alguma abertura e integração na Europa, EUA e Japão e pouco mais. E mesmo aí é muito limitada.

Será que vivemos um neo-liberalismo? Com o Estado a ocupar 40-50% do produto nacional da maioria dos países do mundo, onde está o liberalismo? Com regulamentos para tudo e mais alguma coisa, onde está o liberalismo? Isto não é necessariamente uma crítica. Podemos gostar ou não do peso e influência do Estado, mas o que é evidente é que a situação está a longe do liberalismo. O pressuposto de que a globalização comanda tudo é um mito.

Em conclusão, podemos dizer que existe abertura econômica, mas isso não é um fenômeno novo. Já vem a acontecer desde o século XV, e até já houve períodos mais abertos que o atual. Nos fins do século XIX os EUA e a UK tinham maior peso das exportações que no fim do século XX. Os grandes medos que temos são injustificados.

### 3. Globalização e justiça

A principal preocupação à volta da globalização é a injustiça. É por causa dela, mais que tudo o mais, que se fazem as manifestações contra a globalização. O fosso entre ricos e pobres, a dívida externa dos pobres, constituem os grandes temas do nosso tempo. Qual a sua causa?

Antes de qualquer observação, tem de se dizer que existe uma ilusão de óptica. Nunca se falou tanto de justiça e cooperação como hoje, mas, se olharmos com atenção, vemos hoje muito mais justiça do que antes. Já esquecemos a enorme disparidade social que existia há 200 ou 300 anos e o que avançamos desde então. Ainda falta fazer muito, mas não devemos desdenhar do que se conseguiu.

A realidade é exatamente a contrária da opinião comum. O desenvolvimento tende a reduzir a desigualdade, devido exatamente ao seu dinamismo essencial. Este fato é patente à observação mais elementar. O fenômeno central da economia atual é a adoção de técnicas produtivas – em fábricas e não só – que aumentam muito significativamente a produtividade do trabalho e a quantidade de bens disponíveis. Por isso, o elemento que manifesta o desenvolvimento moderno é o aumento da quantidade de bens produzidos, a custos cada vez menores.

Aumento da quantidade e a redução do custo não são aspectos que melhorem muito a situação dos ricos. As pessoas que são ricas não se interessam pelo fato de um bem se tornar mais abundante e mais barato, pois conseguiam comprá-lo mesmo quando ele era raro e caro. Com o desenvolvimento, o que se verifica é que os bens que antes eram acessíveis apenas aos ricos, se tornam acessíveis a quase todos.

Assim, o principal efeito social do desenvolvimento não é que “os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres mais pobres”. Aliás, na sociedade tradicional os pobres não podiam ser mais pobres e os ricos teriam muita dificuldade em ser mais ricos. O principal resultado social do desenvolvimento foi a criação da “classe média”, ou seja, de um enorme conjunto de pessoas, de longe a maioria da sociedade atual, que antes era pobre e agora tem acesso a uma grande quantidade de bens. Essa classe média, que se tornou um dos principais elementos caracterizadores da nossa sociedade, é em si eliminadora das desigualdades. É por causa dela que a desigualdade social se reduziu extraordinariamente. Por isso há maior igualdade.

Mesmo nos bairros da lata ou nas aldeias esquecidas, o nível de vida aumentou muito em relação à situação das classes pobres antes do desenvolvimento. Dos cuidados à saúde, escolas e transportes públicos, até à alimentação e vestuário, verificaram-se melhorias muito significativas. As televisões estão disponíveis até nas tabernas, e toda a gente pode ter acesso a direitos políticos e sociais. A situação dos pobres dos países ricos é indubitavelmente muito má. Mas, mesmo assim, o seu nível de bem-estar seria, em certos aspectos, inimaginável nas sociedades não desenvolvidas.

Claro que os mais abastados também se beneficiaram com a economia. Existem muitas coisas que os ricos da Idade Média não tinham e que os de agora têm. Desde luz elétrica e pastas dentífricas, até televisões, esferográficas, telefones, folhas de cálculo, cardiologistas e aviões, são muitas as coisas que fazem os milionários de hoje muito mais ricos do que eram os sultões de antigamente. Mas o mais extraordinário é que essas coisas também são acessíveis à maioria da população. E é essa a natureza própria do desenvolvimento.

É verdade que, ao mesmo tempo, o desenvolvimento é em grande medida a causa de alguma injustiça. A própria dinâmica de crescimento cria desigualdade e instabilidade. Isto gera um conflito, porque as duas coisas são desejadas pela sociedade. Nós queremos desenvolvimento e igualdade.

Este conflito pode ver-se de várias formas. Suponhamos uma aldeia onde toda a gente é pobre. Se alguém criar ali uma fábrica de sucesso, toda a aldeia fica melhor. Mas aparece a desigualdade, porque uns têm mais do que outros. Em nível mundial e histórico, a causa da desigualdade vem do fato de que o desenvolvimento começa num sítio e num momento concreto. A “revolução industrial” começou na Grã-Bretanha em meados do século XVIII. Depois foi se espalhando por outros locais.

Isso cria um “efeito de pelotão”. Quando um grupo de corredores está na meta, está unido e todos em igualdade de circunstâncias. Mas quando começa a corrida o pelotão vai-se alongando, porque há uns que quase não partiram, outros que correm mais devagar e outros vão a toda velocidade. Todos avançam, mas uns mais do que outros. Estudos dizem que estamos a atingir neste momento o máximo de desigualdade no mundo. O máximo face ao passado mas também face ao futuro. A desigualdade deve descer nas próximas décadas, se o processo continuar, por causa do desenvolvimento das zonas mais populosas a que estamos a assistir: China, Índia, Extremo Oriente, etc. Assim se vê que a melhoria cria desigualdade. Mesmo quando tudo fica melhor, há uns melhor do que outros. E isso cria tensões e gera conflitos.

O resultado destes vários efeitos é naturalmente misto. Nos países desenvolvidos, a disparidade e a pobreza é muito menor que nos países sem desenvolvimento. Naturalmente os países que já passaram por longos processos de transformação e crescimento reduziram bastante a sua disparidade interna. Mas também é aí que aparecem hoje os fenômenos da “nova pobreza”.

Contudo, se por um lado, em nível mundial, o “efeito pelotão” tem levado a que tenha aumentado o fosso entre os países ricos e pobres, por outro, tem-se

verificado que os países que começam a desenvolver-se, o fazem mais rápido que os que já estão nesse processo. Como agora estão em desenvolvimento as zonas mais populosas do mundo, a China e a Índia, o Extremo Oriente e a América Latina, no que chamamos de “globalização”, é provável que a disparidade global venha a diminuir. África mantém-se como o único grande problema de desenvolvimento.

Um dos maiores medos à volta da globalização é que a entrada de uns países promova a pobreza noutros. A idéia central mais corrente é que os salários baixos dos pobres invadem os ricos e criam pobreza nos mais ricos. Mas esta idéia baseia-se numa falácia econômica. Os salários dos países pobres só são baixos por que a produtividade é baixa. Assim, o que interessa para a competitividade é o efeito conjunto de salários e produtividade. Essa junção vê-se nos preços. Logo, o que é essencial no comércio internacional não são os salários, mas os preços. O fato de uns países concorrerem com países de salários mais baixos não é problema, se a diferença de salários for justificada por diferença de produtividade.

Claro que o aparecimento dos novos concorrentes com preços bastante inferiores pode ser terrível para os produtores estabelecidos, e causar, eventualmente, a sua falência e o desemprego. Mas a esse terrível processo chamamos ... desenvolvimento. Foi isso que eliminou as carroças e os pombos-correios para nos dar a sociedade moderna. Naturalmente que para os produtores desses bens antigos, a evolução foi terrível. Mas é preciso jogar este jogo para haver progresso. E, até hoje, os que aceitaram jogar com as regras e lutar no mercado conseguiram, no meio de muito esforço e bastante sofrimento, atingir níveis de bem-estar nunca antes testemunhados. Não se conhece outro meio. As empresas, setores ou nações que tiverem medo disso e se protegerem, estagnam e definham no meio de uma morna e aparente estabilidade.

Outro problema é a acusação de “dumping social” que tantas vezes se faz. O que se diz é que os países pobres usam trabalho infantil para vender produtos mais baratos e com isso destruir as condições de trabalho dos operários dos outros países. Assim,

recomenda-se que se coloquem barreiras que impeçam esses produtos de entrar. Alguns casos destes mais midiáticos têm envolvido o boicote a empresas ocidentais que operam em países do Terceiro Mundo.

Mas essa medida é sumariamente nociva para ambos os lados. Ela esquece que nos países pobres a alternativa ao trabalho infantil não é escola. Se fechar a fábrica por pressão dos ricos, o que espera as crianças é a fome, a prostituição infantil ou a morte. O protesto pode acalmar a consciência dos ocidentais, mas piora a vida dos que eles dizem querer ajudar. Se, de fato, os ricos pretendem ajudar, então dão dinheiro para pagar a escola e pagar às famílias a ida das crianças para a escola. Atacar a fábrica e fechá-la é flagrante injustiça e promoção da pobreza.

#### 4. Linhas de solidariedade

Que se pode fazer, neste mundo de complexidade e contradições, para ajudar de fato os mais necessitados? Alguns princípios simples podem ajudar na resposta a esta questão. É fundamental compreender que a cura para os problemas do subdesenvolvimento, os ataques ao ambiente e outros problemas afins, é entrar num processo de desenvolvimento. Foi isso que resolveu os problemas dos ricos e resolverá os dos pobres. Claro que, uma vez o país desenvolvido, os problemas não ficam todos resolvidos, como se vê nas zonas mais ricas. Mas não há dúvida que tudo fica muito melhor, mesmo que depois a nossa ansiedade não o saiba apreciar.

Durante décadas achou-se que havia caminhos alternativos para o progresso que evitavam o mercado, a empresa, a concorrência e o investimento. Apareceu o Marxismo, a “terceira via”, o “desenvolvimento africano”, etc, etc. Hoje vemos que todas essas ideias falharam. Não sabemos se não haverá algures outro meio. Mas a única via que até hoje funcionou foi a participação no mercado mundial com os outros países. Apenas as regiões que participaram no grande mercado mundial com inteligência e dedicação se desenvolveram. Claro que cada país traça o seu caminho e, nesse sentido, há uma via para


cada cultura. Mas tem de existir a humildade de participar com os outros no comércio internacional.

O mercado mundial não é fácil e existem muitos perigos. Há aldrabões, exploradores, tentações, enganos, etc, etc. Esses existem para todos e todos têm de ter cuidado. O país que vence é o que evita esses males e aproveita os bens. Temos exemplos suficientes de sucesso para sabermos que pode ser vencido.

A ajuda internacional ao desenvolvimento tem tido grandes problemas. Em particular, é bem evidente o fiasco do apoio Estado a Estado. Nos últimos 50 anos enormes montantes foram gastos em ajuda ao desenvolvimento, com resultados muito fracos. A grande maioria dos países não mostra qualquer resultado sobre o desenvolvimento e em muitos casos a relação é inversa. Quantos ditadores usaram a ajuda para prejudicar o próprio povo?

O sucesso mais evidente é nas Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento, as ONGD's, que trabalham diretamente com as populações. Existem alguns indicadores que mostram bem o interesse da ajuda direta de pessoa a pessoa, que respeita a cultura local e coloca a ajuda onde as pessoas precisam dela. Outro campo a funcionar bem é o da ajuda de emergência. No caso de catástrofe, o apoio direto é a única possibilidade. Em geral, hoje esses sistemas estão bem montados e, através da ONU e organizações afins, consegue-se acudir rapidamente e em força à maioria das catástrofes. Muito mais complicada é a ação dos Governos locais na canalização dessa ajuda. Muitos apoios são desviados, roubados ou até boicotados. Há casos de países com fome que exportam comida.

Um problema muito falado é o da dívida externa. A questão aqui é mais complexa do que parece. Deve começar por se notar que a dívida externa é muito maior nos países ricos que nos pobres, mas isso não cria problemas. O problema da dívida só aparece num país, seja rico ou pobre, se o dinheiro foi esbanjado (normalmente por governos corruptos) e se ele não pode pagar o que deve.



Entre os países pobres que existem dois tipos de dívida externa. Os países muito pobres (que são relativamente poucos, a maioria na África) receberam empréstimos, não bancários, mas de países amigos ou organizações internacionais. No meio da sua miséria não podem pagar. Para a maioria desses a única solução é perdoar. Os montantes envolvidos são enormes para os devedores mas pequenos para os emprestadores. Mas aí se levantam problemas político-diplomáticos. Como evitar que o esbanjamento se repita? Além disso, o perdão vai dar uma vitória política aos regimes que destruíram o desenvolvimento.

Outra questão muito diferente é a situação de países em situação intermédia de desenvolvimento, que se endividaram em bancos internacionais (os pobres não puderam fazer isso porque os bancos não emprestam a pobres). Aqui os problemas estão ligados a políticas erradas de gestão conjuntural. Esses países (normalmente na América Latina e Ásia) têm condições de pagar se gerirem bem a sua conjuntura, embora isso lhes seja difícil, sobretudo por razões institucionais. Normalmente, os custos dessa incompetência costuma cair sobre os mais infelizes na sociedade. Esses países, em geral, pretendem ser confundidos com os primeiros, para ver se recebem melhores condições ou, até, um perdão. Mas a ameaça dos credores tem sido, muitas vezes, boa conselheira, como confessam alguns dos seus dirigentes, por forçar a políticas sensatas e equilibradas.

Em resumo, a única verdadeira solidariedade é aquela que ajuda a promover o desenvolvimento dos povos. Cada povo desenvolve-se a si e segue o seu caminho. Os outros podem complicar ou facilitar, mas não fazer por eles. A melhor maneira de ajudar ao desenvolvimento é, pois, ter relações económicas normais (comércio e investimento) com esses países. Todos os países que se desenvolveram foram por esta via. O desenvolvimento faz-se na paz e integração. Assim, os obstáculos ao comércio são o pior meio de prejudicar os pobres, prejudicando também os ricos. Medidas como a Política Agrícola Comum na Europa ou o protecionismo norte-americano são incrivelmente prejudiciais.

Por outro lado, no Governo do próprio país é onde se Regis TAM os piores problemas. Com governos

corruptos, ineficientes, violentos, conflituosos e inimigos do povo, as coisas nunca podem andar. A intervenção de estrangeiros nessa situação interna é sempre muito delicada e difícil. Finalmente, o maior inimigo do desenvolvimento é a guerra. Por isso as evoluções recentes serem muito perigosas para o futuro do planeta.

**João Luís César das Neves**, Professor Catedrático, é o Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa (uma das 50 melhores do mundo, de acordo com o ranking elaborado em 2007 pelo *Financial Times*), onde se Doutorou e Licenciou em Economia. Leciona Macroeconomia e Ética Empresarial no Programa de MBA e Introdução à Economia e Ética Económica nas licenciaturas. Mestre em Investigação Operacional e Engenharia de Sistemas (IST-UTL), Mestre em Economia (UNL). Foi Assessor Económico do Ex-Primeiro Ministro e atual Presidente da República Portuguesa, Dr. Cavaco Silva.